

O
REFORMISTA

08 DE OUTUBRO
DE 1849

O REFORMISTA.

JORNAL POLITICO, LITERARIO, E COMMERCIAL.

A imprensa é a voz da sociedade moderna.
O seu silêncio é a morte da liberdade.

Publica-se na Typographia de F. T. de Brito e Companhia, rua Nova n. 70, a salaria, por ora quando for possível. — Preço da assignatura 2\$ rs. por 24 números: — e para os annos, na Cidade Alta, loja do Sr. Joaquim da Silva Guimarães Dengoze, rua Direita, e na Cidade Baixa, loja do Sr. José da Silva Neves, rua do Varadouro, a 1000 rs. a folha. Os artigos, e correspondencias de interesse publico terão inserção gratis; e as que o não forem pagarão o preço se ajustar, vindo todas legalizadas.

O REFORMISTA.

PERSEGUIÇÃO DA POLICIA.

A policia, que parece estar concentrada no subdelegado sr. Claudiano Joaquim Bizzerra Costa, quer levar ao desespero a população desta cidade: sua actividade e vigilância nasce contra os ladroses e assassinos, os Inspectores do Sr. Claudiano só procuram perseguir, martirizar, de ordem do seu chefe, aos homens que na eleição ultima commetterão o imperdoavel crime de votar com o partido liberal. Ninguém se julga seguro em sua liberdade, e quiza em sua vida: sob pretexto de fazer-se mal das autoridades policiaes, se ha feito diversas prisões. Diz-se que occultamente se distribuirão armamentos por diversas casas para fins, que ainda se ignorão. Também se tem feito prisões, a titulo de averiguações policiaes, e a que o sr. subdelegado quer por força dar o nome de prova, quer mostrar-se um martyr do povo, e para a fim de, para o futuro, allegar-se a victimado de assim fazer acreditar, que são verdadeiros boatos, que elle, e seus agentes tem espiado, e que vultos tem apparecido em derradeira hora de sua mercê; ou então, conforme tem sido, em tudo isto só se tem em vista a perseguição de certos de possesores, de certas pessoas, e os crimes devem ser justificadas. O certo porém é que o partido da opposição se julga sem garantias, e sem recursos, por que a presidencia, que sabe de tudo, e que com alguém tem reprovado esses actos de refinada maldade, não dimittes tal vez por não poder, o sr. Claudiano, que está com carta branca para fazer tudo quanto lhe sugerirem seus instinctos perversos, seu genio atrebiliario, e perseguidor. E nos achamos hoje, que tinha muita razão um saquarema de nossa amizade quando dizia — eu só temo que o Claudiano entre para algum lugar de policia!

Convém porém apresentar alguns factos, a fim de que o publico saiba que não exageramos quando assim nos exprimamos.

O sr. João Carlos de Abreu e Mello, que a pou-

co foi admitido de official do corpo de policia, e d'ella honesto, e pertencente a uma familia distinta, foi preso as 9 horas da noite em sua casa, por que conservava aberta suas portas, e immediatamente o recolherão a *curatoria* da cadeia, sendo solto por que um amigo por elle se interessou como *quintingueiro* moço.

O sr. Abreu e Mello é cunhado do sr. tenente coronel Pedro Mariano Falcão, a quem os dominadores muito odeião pela sua dedicação ao partido liberal, e pela sua disposição e energia, não se abalarando já mais diante dos terrores, e das ameaças dos homens do pinhal e bacamarte. De via pois pagar por este, e teve de ir para a *curatoria*. Que gente, meu Peos!

E não se lembra ella que o sol nasce todos os dias, e que o que hoje parece ter muita vida, e muita vigor, amanhã tal vez que tenha de zarporado!

O sr. Miguel Verde, deira pela 3.ª vez, foi preso e recolhido a cadeia, sendo solto no fim de 7 dias. Não valendo a este cidadão uma ordem de *Hal cas corpus*, que em seu favor obteve, o sr. Claudiano tem por outra vez prender, por que fallava das autoridades policiaes. E o que é uma ordem de *Hal cas corpus* para o omnipotente subdelegado, ou e cetera, seu nome seja fallado, e venhecido, ainda mesmo sendo e hendo de maldicões?

O sr. Viriato Honorato dos Santos Real, foi pela 2.ª vez preso e recolhido a *curatoria* da cadeia, por que não quiz levar officios ao *quintingueiro* moço; e se já não tem sido preso outra vez, deve a ter-se sugerido a levar officios ao sr. subdelegado, ou a ter outro remédio; pois que vivendo do seu trabalho, e tendo familia, não era possível, que pôdesse sublevar contínuo a ser tão cruetamente perseguido.

Um cidadão, de cujo nome nos não lembramos, mas que é morador na rua da maior dos homens, foi preso por que, ao anunciar, estando assentado em sua porta, se não levantou quando passou o omnipotente subdelegado!

Diz outros cidadãos da povoação de Taubaté, estão aizeses de suas familias desde 6 de Agosto por que está decretada sua prisão, por terem votado com o partido liberal; um d'elles, sr. Evaristo, co-de paula, sendo preso n'essa epocha, teve de se

solo por — *Habeas corpus* — e depois sua caza foi cercada, e varejada, e elle conseguiu evadir-se! Muitos outros factos existem, que iremos successivamente publicando, e o não fazemos agora por falta de espaço.

Tal é o estado da capital da Parahyba; e se na presença do governo tudo isto se faz; se elle, com o silencio, approva todos esses actos, o publico que ajuize do que vai pelo interior.

Srs. da governança, continuai nesse systema de perseguições e de terrores; vós desmentireis vossa origem immunda, se tivésseis outro procedimento! Levai esse povo, que vós aborrece, e vos odia, ao estado de desispeiro; não tenhaes contemplação, srs.; adiantai essa crise, que se aproxima; aproveitai o tempo, que não pode ser longo; sede ainda mais (se é possível) cruéis, perversos, e sanguinarios e nós vos asseguramos, que sereis devidamente recompensados.

Homens do povo, resignai-vos; e esperai....

O PRESIDENTE DA PROVINCIA,

E AS MULTAS POR ELLE IMPOSTAS.

Nada ha mais revoltante, nada que revele tanto o caracter perseguidor, o genio cruel da administrador da provincia como o facto, que elle acaba de praticar, multando as mezas parochias, e as dos collegios ecclesiasticos, cujas eleições não se fizeram nas respectivas matrizes, e ordenando que dentro de 30 dias fossem executados os multados!

Mal pensava o legislador quando, para remediar os inconvenientes que até então se tinham dado, e obrigar aos funcionarios da eleição a cumprirem, com toda exacção, seus deveres, estabeleceram na lei n. 387 de 19 de Agosto de 1816 multas contra os que não cumprissem suas obrigações, e mandou no art. 127, que uma simples portaria, ou certidão da acta, contendo os nomes dos multados, terião força de sentença; que uma tal disposição serviria de terrivel instrumento de perseguição nas mãos de um presidente, como o sr. João Antonio de Vasconcellos, que, para fazer crer que nada fez, por ocasião da eleição, para justificar as mezas organizadas pela policia, cercada de punhaes e bacamartes, não recuou em multar todos esses cidadãos, que foram lançados para fora das matrizes, pela força, e pelas autoridades do sr. João Antonio!

Não pense porém o presidente da provincia, que isto justifica suas eleições; não creia, que esse e outros actos o livrarão da responsabilidade moral pelos horrores, que se derão na eleição; não, tudo isto vai aggravando mais sua posição; e o publico está persuadido, que nada se fez sem ordem, ou consentimento de S. Ex., sobre quem principalmente recabe a odiosidade de todos esses factos, que se derão, e que ainda não tinham sido prezencados na Parahyba!

O presidente da provincia guiado, ou de accordo com esse partido pequenino, a que se ligou por conveniencias, e a quem abandonará se o horizonte se enfarfascar; partido que não conhece outro meio de governar, afora a violencia e o terror, parece ter resolvido levar a opposição ao ultimo grão de dezoito. Deslocou-a de todas as posições, embora garantidas por lei; entregou-a sem recursos, sem ga-

rantias aos seus rancorosos adversarios; tirou-lhe a liberdade individual, e a cadeia vai todos os dias recebendo homens, que commetteram o grave crime de não votar com a policia; fez desaparecer a liberdade de pensar, e de censurar os actos dos empregados publicos, e muitos cidadãos tem sido presos, sob pretexto de fallarem da policia, de censurarem seus actos, e os da presidencia; e outros recebem dos esbirros prohibição expressa de tratarem de tales autoridades; e por fim S. Ex. voltou-se contra os bens dos cidadãos opposicionistas, e ordena que elles paguem dinheiro, por que se não deixarão matar no dia das eleições!!! Ora em verdade, isto é insupportavel!

Temos por vezes tratado do que houve nos diversos municipios, na occasião da eleição; das violencias empregadas contra as mezas parochias, que foram a força lançados fora das matrizes, como succedeo em S. Rita, Pillar, Campina, e em outras freguezias, e ninguem ignora, que em plano geral houve para se conseguir o triumpho, e que sendo o unico crime — não vencer a eleição — todos os meios eram para isto licitos, e honestos.

Cumpré porém que se saiba, que esse plano tenebrozo se estendeu até a eleição de Deputados, sendo perseguidos os Eleitores, a fim de se não reunirem.

Na Villa do Pillar, o Delegado Sr. Esmael da Cruz Goveia reuniu humma consideravel força na vespóra da eleição, com o fim de prender os Eleitores; e por que estes rezolvessem, em proença de uma tal attitudo da policia, ir fazer a eleição na Capella Curada da povoação do Salgado, lá mesmo mandou o Sr. Esmael 80 homens commandados pelo Sub-delegado de Itabaiana Arminio Cozar de Magalhães Barbosa, e por um Tenente da Villa do Pillar; e essa força perseguiu aos Eleitores até a povoação de Maria do Metto, (9 legoas) conseguindo apenas prender um d'elles Sr. Francisco Cavalcante de Alencar que!

Em Cabaceiras, o mesmo se deu, e os Eleitores foram obrigados a reunir-se na Capella Curada da povoação do n. queirão e ali foi o escandaloso, que a Presidencia, segundo se nos affirmou, negou o pagamento da força, que o Delegado ali reuniu.

Pois bem: é quando a policia assim procede; é quando n'essa força, que marchou contra os Eleitores do Pillar, ião 2 bem conhecidos assassinos, que pretendião matar nossos amigos, Srs. tenente coronel Pedro Marinho Falcão, e capitão Antonio Joaquim Xavier Borges; é quando o presidente da intenza meza parochial de S. Rita diz em discussão no collegio desta cidade, que tem a conta dessa presidencia, por que passava 3 minutos das 9 horas; é finalmente o que se prohibe com graves penas, que seja narrado o facto da Villa de Cabaceiras por aquelles, que o prezenciaram, que o sr. presidente da provincia, requintando suas perseguições, não se envergonha de lavrar uma portaria, multando a todos esses cidadãos, que se não deixarão prender, ou matar pelos esbirros do sr. Vasconcellos!

Quem diria que o homem, que apregoava ser a justiça a unica base de sua administração; que o homem que vivia com o partido liberal, que lhe fez os maiores elogios; que dizia formar ella a gran-

de maioria da provincia; que descomponha, até aq. uerozamente, aos mais proeminentes membros do outro partido, a que está hoje ligado; que dizia ser esse partido insupportavel pelas suas exigencias; e por que só vivia de mexericos, e de enredos; quem diria, dizemos, que o homem, que assim procedia, teria depois de justificar a monstruosa administração do façanhudo Pedro Chaves! Honrra porém seja feita à esse despota; governou sem lei, não respeitou direitos, perseguiu, massacrrou, trucidou, mas tudo foi por sua conta; sua vontade presidia a todos os seus actos; nunca se deixou governar, nunca teve camarilha, que lhe mandasse; e todos esses, que hoje se dizem, ou se enculcam como directores dos negocios publicos, tremião diante d'elle, que, muitas vezes, nem ao menos lhes dava a honra de fallar! Mas na actualidade a convicção publica é outra, ninguem se pode convencer, que esses actos de requintada maldade partem simplesmente da vontade do homem, que não tem motivo algum para aggreir com tanta gana ao partido liberal, de quem ja fez os mais pomposos elogios; muitos são os que concorrem para o estado de violencia, e de persiguição, em que nos achamos, ja com seus concelhos, ja com suas informaes, e ja finalmente com suas imposições; e o Sr. Vasconcellos, liado e pusilanime, e dominado a todos os momentos pelo terror, vai-se deixando conduzir, e faz tudo quanto querem esses perversos, que o cercão.

Tal é o juizo que o publico faz da actual administração provincial; e sendo assim é infinitamente mais desgraçado o povo, que, em vez de um, tem mil pequenos tirannetes, que o opprimem, cada qual mais degenerado e cruel. Qual quer que seja o successor do Sr. João Antonio, não sendo transfuga do partido liberal, e não tendo permissão de justificar-se, as familias dos opposicionistas não serão ao menos privadas de seus bens para legalizar eleições!

CORRESPONDENCIA.

Sr. P. Lindolfo.

Desconhecendo os motivos que tem concorrido para que seja tão aboranhado, e ridicularizado o meu nome em uma folha publica e por tantas vezes, sou forçado, pela primeira vez, a pegar da penna para, dirigindo-lhe estas linhas, merecer-lhe o favor de declarar em que tanto lhe tenha offendido; pois que, em minha consciencia, julgo-me tranquillo, e não descubro couza alguma, pela qual fosse o sr. por mim aggravado. Se não consegui da Assemblia Legislativa provincial ser creado no Lyceu desta Cidade hum lugar para o sr. ser empregado, separando-se as materias da cadeira de Rhetorica, como me havia pedido, a culpa foi sua. Indispondo-se o sr., pela maneira por que se indispoz, com alguns dos que reputava seus amigos, e a quem irrogou graves injurias, não era possivel obter delles o assentimento necessario, para passar hum projecto no sentido, em que o sr. desejava, tanto mais por que um que se julgava mais offendido, e que estava sempre a testa de tudo, não o quiz consentir de forma alguma.

Digão os meus amigos, a quem fallei, quantas disputas com elles tive, e qual o esforço que fiz, a fim de o satisfazer; por que parecia-me, se não ingratitude, ao menos dureza ter o sr. vindo a minha caza pedir-me este favor, e promettendo servir-o, não fazer a diligencia precisa para o cumprimento de minha palavra.

Eu sei, sr. P. Lindolfo, que muito lhe dá hoje nas vistas a directoria do Lyceu; quando o sr. procurou ser nelle empregado, era somente para assumir a esta cathedra; aproveite-se agora da occasião, veja se pode alcançar a cadeira de Rhetorica, que está a concurso, e então tente obter a directoria, com o que far-me-ha especial favor. O sr. foi testemunha da difficuldade que tive em aceitar a quando recebi a nomeação do Governo, e ninguem mais do que o sr. mesmo (não sei se apparentemente) me animou assim a fazer; e com tudo, por muitas vezes, tenho pedido dimissão ao actual Exmo. Sr. Presidente da Provincia, a quem fiz, e faço ser constantemente que não posso ser director do Lyceu, por me não querer comprometer, conformando-me com a verdade. Acostumado a viver tranquilamente, e em harmonia com todos, encarregado de qual quer missão, em que tenha deveres a cumprir, não podendo ser politico, procuro satisfazer minhas obrigações sem consideração a partidos, evitando porém tudo quanto me possa acarretar odiosidades, e intrigas.

Em que pois, sr. P. Lindolfo, o tenho tanto offendido? O que acabo de expor não era motivo sufficiente para se declarar como humma falta contra mim. Conheço que só a necessidade, que tem de nutrir o seu genio, podia leva-lo ao ponto de apresentar tão negentos escritos, que todos só respirão rancor, e odio. Não posso presumir que por motivos politicos o sr. tivesse tal procedimento; suas ideas em politica sendo todas republicanas, como me communicou no engenho Sant' Anna, quando por lá passei em humma festa de Natal, vindo do Mogioiro, se com ellas não sympathizei, tambem das questões, que então tivemos, não resultou entre nós resentimento algum, e nem o partido, cujas ideas defende hoje o sr. as approva. Vendo as cartas, que me mostram de seu amigo o sr. Antonio Borges da Fonseca, em que se tratava por *nono Republicanus* *deverem* & não dei dellas noticia a pessoa alguma. Não vejo por tanto, a não ser a directoria do Lyceu, a que tanto aspira, motivo algum pelo qual mereça ser tão maltratado pelo sr. e antes que conclua permitta dizer-lhe: sr. P. Lindolfo, que quando por ventura eu o tivesse aggravado, e quisesse o sr. tomar vinganças proprias do seu genio, outra era a maneira, que devia adoptar, mais polida, e consentanea a todo o homem sado, e que tem consciencia de sua dignidade; não procurar enchevalhar-me de um modo tão grosseiro, e ridiculo, indigno de quem preza a sua reputação, e muito principalmente de hum Bachelar instruido e Sacerdote, e se mesmo eu não lhe merecesse attenção por alguma consideração, que me parece haver, bastava ao menos a de Sacerdote.

Quando pois quizer apresentar os seus escritos, compenetre-se mais do alto caracter, de que está revestido; não queira manxar a classe, em que tão livremente se alistou, e evite injuriar a aquelle, que sempre o tratou bem, e com toda attenção;

e finalmente lembre-se ao menos que falla ao publico, que assás o conhece, e que também está muito ao facto do meu proceder, e conducta. A linguagem, que o sr. tem empregado em suas epistolas insertas na folha denominada a - Ordem, - reflecta bem, é só propria da vil canalha, e não de quem se acha em sua posição, e longe de o engrandecer, muito o dezacredita. Faça o que quizer, sr. P. Lindolfo; de espaço ao seu genio virulento, como melhor lhe aprouver, certo de que não me degra darei a pegar da penna para responder a tão torpes diatribes. Seu respeitador

P. João do Rego Moura.

PIACHY.

De uma carta de pessoa fidedigna extraciamos o seguinte:

» Fizerão-se aqui as eleições entre bayonetas, processos, prizões, espancamentos, ferimentos, assassinatos, a maior ostentação de força e de todos os meios de intimidar e comprimir. Os liberaes oppozerão a tudo uma coragem resignada, e soffredora; assim poderão triumphar em 8 collegios, que formão a grande maioria da provincia. Não lhes fiporem possível evitar, que os dominadores não fisessem suas actas falsas, com as quaes pretendem obter diplomas na Camara Municipal da Capital o que tal vez aconteça.

Convencido porem o Dr. Antonio Borjes Lial Castello Branco de ser o legitimamente eleito, pretende ir disputar o seu direito; e só não tomara assento se faltar completamente a maioria da Camara todo o pudor, e moralidade. & &

EPIGRAMMA.

Dialogo entre o Pintado e o Dr. a moda.

Pintado

Meu Dr., tu que penetras
Os mysterios da Encarnação;
Donde vem ao Bataria
Tão servil adulação?....

Nenhum merito elle tem,
He Zote de bajular,
Querera um empreguinho
Para os cobres desfrutar?

Dr. a moda

Não te cansas, meu Pintado,
Qu' eu te explico esse mingualo?

Bataria, quando artista,
Nada pôde pichiachar,
Mesmo nem Juiz de Paz
Para n'agalerar.

Hoje quer ser Deputado,
Diz por isso sêr haeta,
Pondo a mira em algum ósso.
E nos prega essa petá-

Xô, delle.

VERSOS PARA QUEM GOSTAR.

N'uma noite de luar,
De seus apozentos sahirão
Quatro animaes; e eos passos
A certo lugar dirigrão.

Erão os quatro animaes
De especies mui differentes,
Seos trajes nada conformes
Ao uzo de taes viventes.

Um destes era carneiro,
Nefectus pills na unha
Trajava a moda Affor Ina,
Com um chapéo a mazurka.

O outro felle-baixo e um bode,
De preto e branco malhado,
Na cabeça um cavaca
Vestia-se afrancezado.

O terceiro era um gato,
Pintado em todo tocinho,
Com gravata de entretelki,
Imitando a um molrinho.

O quarto e ultimo era
Um macaco mui rabudo,
Ornado de capa e volta,
Como figura d'entrudo.

Resolvem todos os quatro
Consultar com Zoologo,
E de tudo, que tralarem
E creverem seo apologo.

Vao directos a pouzada,
Onde habita o talv cum,
E logo a entrada o cortejo,
Ornado o macaco, pax tecum.

Com rabo, tezo alcado,
Comprimento tal mentor,
Procurando cada um
Ser daquelle o relator.

O carneiro por mais velho,
Julga ter a primazia;
Toma a diante a aos mar,
E já berand' dizia:

« Senhor meu, pe d'idos somos,
« A nossa causa taqueia;
« Perri amos resolver,
« Metter tudo na cancela.

« Aos liberaes nada falta,
« Tem prestijos, tem parentes,
« Tem tudo quanto pretendem,
« E os nossos sao de contentes.

« A verdade que podemos
« A canalha recrutar
« Os grandes, a pezar de muitos,
« Perseguir e processar.

A isto o gato ajunta:
« Eu que tenho autoridade,
« Só preito o seu apelo,
« Para prender na cidade;

« Mui principalmente agra
« Que o rei se fez doente,
« E por não calar as botas
« São esticagui prezente.

« E p'ra certa, e m'proesto,
« P'le o capim e m'rodo,
« Você sera responsavel,
« Se não nos m'rodo.

O macaco, que brincando
Com o chapetinho na mão
Não deixou perder palavra
Do bode, e o maganão;

« Existe o bodego, grande
« (costume de pregador)
« E diz para o Zoologo,
« Não e' attenda, senhor.

« E te nos tres companheiros
« São brancos em toda matéria,
« Não sabem viver no mundo,
« Em partido são m'cia.

« Eu sim, apesar de novato
« Nesta e n'outra de baixezas,
« Sei mais artilharias que todos
« Para agites óes e defezas.

« N'um anno ja fui republico,
« Fui haeta, fui art'ista
« Em out' o fui liberal,
« Fui sagradora de crista.

« N'este anno, q'inda corre,
« Suas figuras ja fiz;
« Fui mela cara, e rebelde,
« O que agora sou não se diz.

« Com todos tenho vivido,
« Engalhados todos d' foz;
« E se voce não se guardar
« Também lhe prezo meo s'fo.

« Por tanto não hesente,
« Ouça o meu cabuchado;
« O milhor, que voce faz
« E ter-me por secretario.

« Em escrever sou mui prompto
« Sei da lra, e sou do l'ho;
« A pezar do petico getto
« Ja estou feito redactor.

« Meos amigos me protegem
« Com os seus officia reis
« E milhor, que dizer missa
« O garraxar taes papéis.

« Trabo, que voce tem visto
« Nessa folhetinha da ordem
« E de todos a cancela,
« E deis a outras nada podem.

Neste pouca falta o m'rodo
« E m'rodo, m'rodo e m'rodo,
« E m'rodo, e m'rodo e m'rodo,
« O que julga de m'rodo.

O carneiro tam bem di se:
« Que dava o seo contingente
« Na asuinas, que crevia
« Quando tinha a bola quento.

E falso; e falso; clamão
« Todos quatro em unanidade
« De m'rodo e m'rodo e m'rodo,
« Que nada mais e' entenda.

« Ao Zoologo tal torcedo
« Por tanto as malquadas
« Chamaudo os todos a ordem,
« A m'rodo e m'rodo e m'rodo.

Deixam e de as p'rodo,
« O que m'rodo m'rodo e m'rodo,
« Com isso e m'rodo e m'rodo,
« E m'rodo e m'rodo e m'rodo.

Sr. gato voce pede
« Obra como entender;
« Abatto, processo e p'rodo,
« E e' ordem para p'rodo.

Procede todos os m'rodo,
« Para destruir a m'rodo e m'rodo,
« Os que fallão contra nós
« M'rodo e m'rodo e m'rodo.

Pronda tres e quatro vezes
« O veredicto e m'rodo,
« Para ver se assim p'rodo
« Acabar com tal papel.

A isto abatto o molrinho
« O tal pintado pintado,
« E m'rodo de bem cumpri
« O que lhe foi ordenado.

A voce não diz;
« Já era o Zoologo;
« Já que m'rodo e m'rodo,
« E m'rodo e m'rodo e m'rodo.

« E m'rodo e m'rodo e m'rodo,
« A m'rodo e m'rodo e m'rodo,
« Para andar com mais p'rodo
« Cada um logo se aparta.

« Procurando o apozento,
« Onde descansado passa
« Por em obra seo intento,
« O que depois elles fizeram.

« Mais tarde nos saberemos
« As forquillas, que pregaram
« Uns aos outros, e cantamos.